



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MANUELA MOURA DE ALMEIDA

**CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS VIVENCIADOS
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

CAJAZEIRAS-PB

2017

MANUELA MOURA DE ALMEIDA

**CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS VIVENCIADOS
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus Cajazeiras/PB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Maria de Lourdes Campos

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

A447c Almeida, Manuela Moura de.
Concepções, práticas e instrumentos avaliativos vivenciados no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais / Manuela Moura de Almeida. - Cajazeiras, 2017.
47f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Campos.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2017.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Aprendizagem. 3. Ensino. 4. Práticas docentes. I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.091.26

MANUELA MOURA DE ALMEIDA

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: VIVENCIADOS
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Aprovada em 03 de maio de 2024


Banca Examinadora



Professora Doutora Maria de Lourdes Campos
(ORIENTADORA – UAE/CFP/UFCG)



Professora Doutora Maria Gerlaine Belchior Amaral
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)



Professor Doutor José Amiraldo Alves da Silva
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)



Professora Doutora Rejane Maria de Araújo Lira
(MEMBRO SUPLENTE – UAE/CFP/UFCG)

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe Joelma Moura que nunca mediu esforços para me ver crescer, acreditando sempre no meu potencial e dando-me coragem para seguir em frente. Dedico também ao meu esposo José Sobrinho por todo seu companheirismo e compreensão durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o autor da vida, que me deu força e coragem, guiando-me sempre pelo caminho do aprendizado e dando-me a capacidade de prosseguir. Obrigada Senhor por tudo que sou.

A minha mãe Joelma Moura e seu esposo João Tomé, por toda compreensão, força e motivação que me deram por maior que fossem minhas limitações.

Aos meus irmãos Emanuel, Marielly, Maria Júlia e José Neto, pelo apoio e sorrisos que me deram nos momentos que mais precisei.

Ao meu esposo, José Sobrinho pelo companheirismo, paciência e apoio, que me deu durante toda essa caminhada.

A minha Orientadora, Professora Doutora Maria de Lourdes Campos, pela sua paciência, dedicação e conhecimento oferecido, tornou-me uma profissional e uma pessoa melhor.

Aos professores da graduação por todos os ensinamentos passados que contribuíram para meu aprendizado e crescimento profissional.

Aos colegas de sala, ônibus e trabalho, especialmente os mais próximos, que sempre caminharam junto comigo para a realização deste sonho e estiveram ao meu lado nos momentos em que ter amigos era a única certeza de não estar sozinha.

A todos aqueles que de modo direto ou indireto, ajudaram-me a conquistar este objetivo, seja com um ato ou uma simples palavra de incentivo.

Avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação – reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas.

(HOFFMANN)

RESUMO

Nos dias atuais é necessário repensar o processo avaliativo, visando aprimorar o ensino e a aprendizagem. A avaliação deve existir para contribuir com o processo de formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades e tornando-o capaz de resolver conflitos do seu dia a dia. A avaliação da aprendizagem deve fazer parte da rotina da sala de aula, sendo utilizada de forma contínua e processual como um dos aspectos complementar do processo ensino e aprendizagem, tendo em vista as concepções e práticas de avaliação dos professores na aprendizagem dos alunos em sala de aula, buscando conhecer a importância da avaliação no âmbito escolar e na aprendizagem significativa dos alunos. Este trabalho tem como objetivo analisar as concepções, práticas e instrumentos de avaliação utilizados pelos professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O texto começa apresentando uma breve história sobre o processo de avaliação, em seguida é dissertado sobre o seu conceito e suas funções a partir dos estudos bibliográficos de alguns autores. Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo com 03 (três) docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal da cidade de Paulista, no estado da Paraíba. Na busca de compreender a avaliação escolar as docentes entrevistadas responderam a questões norteadoras relacionadas a temática do conceito de avaliação, os instrumentos, as dificuldades encontradas na forma de avaliar e o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. Diante das respostas das educadoras compreende-se a importância de que os professores repensem constantemente as suas práticas avaliativas em sala de aula, para assim diagnosticar possíveis dificuldades, tanto dos alunos, quanto do próprio professor enquanto mediador do conhecimento, pois só quando se detecta o problema é possível achar a solução, e nesse sentido a avaliação da aprendizagem quando bem utilizada é uma ferramenta que poderá melhorar o ensino, ao redimensionar a ação docente, favorecendo o aluno o sucesso em vez do fracasso. Assim, a avaliação deve transformar-se em momentos constantes de compreensão das dificuldades dos alunos e no oferecimento de novas oportunidades, para que adquiram novos conhecimentos.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem. Avaliação. Práticas docentes.

ABSTRACT

Nowadays, it is necessary to rethink the evaluation process, aiming to improve teaching and learning. The evaluation must exist to contribute to the process of training the individual, respecting their differences and individualities and making them able to resolve conflicts of their day to day. The evaluation of learning should be part of the classroom routine, being used in a continuous and procedural way as one of the complementary aspects of the teaching and learning process, considering the conceptions and practices of evaluation of the teachers in the students' learning in the classroom. Classroom, seeking to know the importance of evaluation in the school environment and in the meaningful learning of students. This work aims to analyze the conceptions, practices and evaluation instruments used by teachers in the initial years of Elementary Education. The text begins by presenting a brief history about the evaluation process, then it is discussed about its concept and its functions from the bibliographic studies of some authors. Next, a field research was carried out with 03 (three) teachers from the initial years of Elementary Education, from a municipal school in the city of Paulista, state of Paraíba. In the search to understand the school evaluation, the teachers interviewed responded to guiding questions related to the theme of the concept of evaluation, the instruments, the difficulties found in the way of evaluating and the role of the teacher in the process of teaching and learning. The importance of teachers constantly rethinking their evaluation practices in the classroom, in order to diagnose possible difficulties, both of the students, and of the teacher himself as mediator of knowledge, because only when the problem is detected is it possible to find the solution , And in this sense the evaluation of learning when well used is a tool that can improve teaching, re-dimensioning teaching action, favoring student success rather than failure. Thus, evaluation must become constant moments of understanding students' difficulties and offering them new opportunities to acquire new knowledge.

Keywords: Teaching and Learning. Evaluation. Teaching practices.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Instrumentos de avaliação utilizados pelas professoras para avaliar seus alunos. 38
- Gráfico 2** - O que o professor objetiva ao realizar a avaliação da aprendizagem. 39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS	13
2.1	Breve histórico da avaliação da aprendizagem	13
2.2	Concepções de avaliação	15
2.3	Paradigmas da avaliação e práticas docentes	19
2.4	Funções da avaliação	24
2.5	Instrumentos e procedimentos avaliativos	26
3	PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS	29
3.1	Tipo de pesquisa	29
3.2	Sujeitos da pesquisa	29
3.3	Instrumentos de coleta de dados	30
3.4	Caracterização do <i>locus</i> da pesquisa	31
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	33
4.1	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICES	45

1 INTRODUÇÃO

A importância de se pesquisar a avaliação escolar é a de poder examinar quais as concepções de avaliação, os métodos trabalhados na verificação da aprendizagem escolar, e quais os outros meios são utilizados para uma melhor avaliação dos alunos.

O contexto avaliação é muito abrangente, mas delimitarei o seu processo analisando apenas a etapa do aprendizado em ambiente escolar, mais especificamente em sala de aula.

No foco das discussões a avaliação escolar é vista como um componente do processo de ensino e aprendizagem que visa cumprimento dos objetivos gerais da educação.

Os professores utilizam diversos instrumentos de avaliação em suas salas de aula, as que aparecem com mais frequência nas escolas são: as provas escritas e os trabalhos em grupo.

O processo de avaliação deve ser contínuo, pois é de importância que o professor avalie as diversas concepções que envolve a aprendizagem significativa dos educandos, desta forma é necessário esclarecer qual a concepção de avaliação para o professor, tentando esclarecer que não pode utilizar apenas da prova como instrumento de avaliação para decidir a aprovação ou reprovação do aluno, é necessário pensar que se analisar outras formas de avaliação, como por exemplo: seminários, tarefas de casa, trabalhos em grupo, avaliando assim a aprendizagem significativa do aluno, no final do bimestre não mostra quantidade e sim qualidade de aprendizado que aquele aluno adquiriu.

O professor precisa conhecer seu aluno e fazer um processo de ensino aprendizagem para mostrar o que aquele aluno aprendeu, e não usar a prova apenas para medir a aprendizagem, pois a avaliação serve para o aluno mesmo se avaliar e se auto-conhecer, saber onde falha para poder ir em busca de caminhos seguros para uma aprendizagem, mostrando que é errado atestar que tais notas ou conceitos possam explicar o rendimento do aluno e justificar uma decisão de aprovação ou reprovação, sem que seja analisado o processo de ensino e aprendizagem.

O processo de avaliação não deve servir apenas para classificar, mas para diagnosticar se o trabalho que vem sendo desenvolvido está dando resultado ou

não, e poder assim dá oportunidade ao professor de repensar sobre novas situações de aprendizagem que facilitem a formação do educando. Pois a avaliação é parte integrante do processo ensino e aprendizagem, porque é através da prática avaliativa que se toma conhecimento dos resultados pedagógicos realizados na sala de aula.

O interesse pela escolha do tema surgiu porque durante todo o ensino fundamental, médio e até mesmo superior, assim como durante as observações feitas através de estágios em sala de aula, sempre percebi, com muita clareza, que a maioria dos professores, mesmo considerando a avaliação essencial, aplicava-a como forma de controlar o comportamento de seus alunos e classificá-los como os “melhores” alunos, alunos medianos ou alunos “problema”, dessa forma, pude notar que a maior parte das práticas avaliativas empregadas pelos professores acaba não contribuindo para a construção do conhecimento dos educandos, criando verdadeiros problemas de aprendizagem.

É notável a importância da avaliação para o processo de ensino e aprendizagem, por isso, ao avaliar o aluno é preciso definir os objetivos que este deve alcançar e levar em consideração um ensino diferenciado, para que o professor possa reconhecer se aquilo que é comumente associado às dificuldades de aprendizagem dos alunos não é, na verdade, decorrência de problemas no ensino, os quais, pela avaliação, talvez possam ser identificados. Quando os objetivos não são alcançados, o professor deve voltar e criar novas estratégias para que a construção do conhecimento do aluno seja concretizada.

Então pude verificar a partir do que venho estudando, que a avaliação é um tema bastante complexo e de importância, tanto para o trabalho do professor, quanto para o aluno. Sendo assim, me senti motivada a conhecer mais sobre essa prática para ampliar meus conhecimentos, favorecendo futuramente na minha atuação como docente.

Sendo assim, esse trabalho monográfico tem como objetivo principal analisar as concepções, práticas e instrumentos utilizados pelos professores em sala de aula, numa escola Municipal da cidade de Paulista- Paraíba. Com o intuito de alcançar esse objetivo, é apresentado quatro objetivos específicos: Discutir as implicações da avaliação classificatória; Refletir as contribuições da avaliação mediadora; Conhecer os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores para

avaliar seus alunos e Identificar os tipos de avaliação no contexto escolar e a sua importância na aprendizagem significativa dos alunos.

Nessa perspectiva busco resposta para a seguinte questão: Quais os instrumentos que o professor utiliza para avaliar seus alunos em sala de aula e qual a importância desses no processo de ensino e aprendizagem?

Para o aprofundamento do tema foi realizada uma revisão bibliográfica, a partir de leitura de livros, artigos e textos, tendo como norte os estudos dos seguintes autores Hoffmann (2009), Luckesi (2011), Libâneo (2006), Esteban (2008), Melchior (2001) e Haydt (1994). Foi realizada uma pesquisa de campo com uma entrevista semiestruturada com três professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola Municipal localizada na cidade de Paulista-Paraíba.

O presente trabalho está organizado em três capítulos: Na introdução apresenta-se uma visão geral do trabalho, com justificativa apresentando o porquê do interesse em estudar o tema escolhido, os objetivos que pretende-se alcançar com este trabalho.

No primeiro capítulo detém-se as implicações e desafios da avaliação da aprendizagem. Contendo nesse capítulo um breve histórico da avaliação da aprendizagem seguido por 4 tópicos que tratam do tema abordado tendo em vista as ideias dos autores estudados para referenciar este trabalho: Concepções de avaliação; Paradigmas da avaliação; Funções da avaliação; Instrumentos e procedimentos avaliativos.

O segundo capítulo remete-se aos procedimentos metodológicos. No qual será apresentado todo o percurso metodológico traçado para efetuar a pesquisa;

No terceiro capítulo apresentam-se os resultados obtidos na pesquisa. Seguido das análises e discussão dos dados coletados, feitas à luz das ideias dos autores estudados.

Por fim, as considerações finais do trabalho, no qual é apresentado o alcance que a pesquisa obteve em relação aos objetivos, como também as contribuições da pesquisa para com os envolvidos.

2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

2.1 Breve histórico da avaliação da aprendizagem

Historicamente, a literatura registra que a avaliação está sempre presente nas atividades humanas, uma vez que, estamos constantemente e a todo momento avaliando pessoas, objetos, fatos, enfim, levando em conta valores diversos, às vezes, obrigando, em se tratando de pessoas, a fazerem escolhas, nem sempre fáceis. No ambiente educacional não é diferente, a avaliação do ensino e aprendizagem tem, ao longo do tempo destacado no processo de escolarização, ocupando assim lugar de destaque.

Não é de hoje que o termo e a prática de avaliação vem se concretizando na sociedade, desde os tempos mais remotos, em algumas tribos, os jovens só passavam a serem considerados adultos após terem sido aprovados em uma prova referente aos seus usos e costumes.

A avaliação surgiu com o objetivo de observar às questões, as implicações que interferem na atribuição de uma nota e as condições que um instrumento deve ter para permitir resultados mais precisos.

No início, a avaliação era voltada para a prova e exames, embora muito criticada, essa prática é preponderante, o que denuncia um conceito ainda aprisionado a ideias de verificação quando na verdade deveria ser um ato dinâmico, processual e compartilhado, um momento singular entre professores e alunos.

Há muitos anos atrás, chineses e gregos criavam critérios para selecionar indivíduos que pudessem assumir determinados trabalhos, na China, devido a este sistema, todos os cidadãos tinham a possibilidade de alcançar cargos de prestígio e poder, enquanto na Grécia, era sugerido a auto avaliação, o conhecer a ti mesmo, como requisito importante para chegar à verdade.

O Brasil recebeu influência da Pedagogia de Comenius, que reforçava a necessidade do uso de exames para estimular estudantes a se esforçarem para conquistarem boas notas, era um processo diferente de aprendizagem e que costumava ser acompanhado por humilhações e constrangimentos constantes, pressupondo que quem não tinha boas notas era porque simplesmente não havia dedicado-se como deveria.

Nos séculos XVI e XVII, no Brasil predominava a Pedagogia jesuíta, com característica de aulas expositivas, com leitura de textos, exercícios de memorização e concorrência oral. Predominavam a Gramática, Filosofia, Lógica e Teologia, como componentes curriculares.

Luckesi (2005, p. 15) faz referência ao documento publicado pelos Jesuítas, em 1599 denominado *Ratio Studiorum*, cuja tradução é *Ordenamento dos Estudos na Sociedade de Jesus*, sendo o primeiro sistema organizado da educação católica, onde observa-se várias regras que são utilizadas ainda hoje, como por exemplo: o aluno não podia fazer solicitações durante a avaliação; o tempo era previamente definido para realização da avaliação, sem possibilidades de acréscimos; os alunos deveriam sentar separados, ressaltando a preocupação com a cópia ou cola.

A partir do final do século XIX, com a escolaridade e a consolidação do poder pelos burgueses, a avaliação tornou-se um componente indissociável do ensino e aprendizagem e seu foco passou a ser a verificação do grau de qualidade dos resultados e do alcance dos objetivos estabelecidos pela escola. A demanda de mão de obra gerada pela revolução industrial foi o fator que levou à institucionalização e sistematização das escolas.

Foi a partir de critérios de racionalidade econômica e de tendência tecnicista hegemônica que as escolas passaram a ter como principal objetivo capacitar o indivíduo para o trabalho e ajustá-lo ou adequá-lo às demandas criadas pelos processos de urbanização. Nesse contexto, a avaliação assumiu um caráter ainda mais seletivo e classificatório no sentido de apontar os indivíduos mais hábeis e aptos para trabalhar nas fábricas. Os considerados menos hábeis submetiam-se aos subempregos disponíveis na cidade ou no campo.

A Escola Nova surge no século XX como um paradigma ao tradicional, pois busca compreender o aluno considerando que é o centro da atividade escolar, reconhecendo assim as diferenças individuais existentes dentro de uma classe escolar.

Segundo Libâneo (2006, p.25): “trata-se de ‘aprender a aprender’, ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito”. O autor retrata a importância de adquirir, de guardar o conhecimento, do que apenas aprender por aprender.

A Escola Nova compreendia a necessidade da renovação pedagógica e a busca de fundamentos filosóficos e científicos capazes de transformar a prática

pedagógica e formar democraticamente o cidadão. A ênfase da ação educativa devia estar no educando, permitindo-lhe aprender por si mesmo e aprender fazendo, a aprendizagem não era concebida apenas como acumulação de conhecimentos, mas, sobretudo, como capacidade de aplicar o que foi aprendido a outras situações da vida cotidiana, se o aluno não fosse capaz de fazer isso, não teria havido aprendizagem.

A partir da década de 60, as discussões acerca da avaliação se ampliam em âmbito nacional e internacional, com a organização de grupos de estudos, nos Estados Unidos, que visavam elaborar e avaliar programas educacionais, o termo avaliar voltou a se destacar na literatura, mas com novas dimensões; de início na avaliação de currículo, e posteriormente, nas demais áreas como na avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Na década de 80, o processo educacional ganha a sua dimensão social ultrapassando sua própria escola. Nesse momento, aparecem várias críticas à escola e à avaliação, afirmando que escola e seu modelo avaliativo contribuíam para manter o sistema social através da legitimação dos significados dominantes e seu convencimento sobre a validade desses significados.

A partir daí vai surgindo estudos que contextualizam a relação da avaliação escolar no sistema social, isto é, a influência que a avaliação escolar traz para a vida social, intervindo para transformar as práticas em vigor, na qual a questão central é refletir sobre seus princípios e finalidade.

Nesta mesma época, um processo que mais destacou-se foi a da psicometria sendo caracterizada por testes padronizados e objetivos que mediam a inteligência e o desempenho das pessoas, mas com o passar do tempo, a utilização desses testes veio sendo substituída por outras formas de avaliar, o aluno começava a ser visto como um todo, um ser humano complexo.

A história confirma que somos herdeiros de uma longa trajetória, tanto da forma como é vista a avaliação, como da forma que ela é praticada nas escolas nos dias atuais.

2.2 Concepções de avaliação

O termo “avaliação” segundo o minidicionário Michaelis (2000, p.73) deriva da palavra valer, que vem do latim *vālêre*, e refere-se a ter valor, ser válido. Vemos

nessa definição, um olhar mais quantitativo do que qualitativo, para tanto, um processo de avaliação tem por objetivo averiguar um determinado “valor” sobre alguma prática.

A palavra avaliação recebe diferentes conceitos tanto no meio educacional quanto na visão de autores que estudam essa temática. Esses vários significados acabam por tornar a avaliação um fenômeno difícil de ser definido. Hoffmann argumenta que:

O fenômeno avaliativo é, hoje, um fenômeno indefinido. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados relacionados, principalmente, aos elementos constituintes da prática tradicional: prova nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação (HOFFMANN, 2008, p. 13).

Para alguns professores e alunos a avaliação significa apenas a atribuição de uma nota. Hoffmann (2008, p.52) compreende que: a “avaliação, é ação e reflexão”, ou seja, os professores precisam refletir sobre suas práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, para poder desta forma melhorar e refletir acerca dos resultados obtidos, possibilitando assim uma aproximação entre as formas de ensinar e as formas de aprender.

Na concepção de Luckesi (2008, p.69): "a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho." A partir dessa afirmação, podemos compreender que o educador, após obter resultados da aprendizagem dos alunos faz uma comparação com suas perspectivas e assim, atribui-lhe uma qualidade de satisfação ou insatisfação, tomando decisões a respeito do processo de ensino-aprendizagem.

Avaliação como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, a determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes (LIBÂNEO, 1991, p.196).

Assim, a avaliação da aprendizagem é parte integrante do processo ensino e aprendizagem, ela requer um preparo técnico e a capacidade de observação dos profissionais envolvidos. Dessa forma, se faz necessária para que professores e alunos possam refletir, questionar e transformar suas ações.

São inúmeros os conceitos sobre a avaliação, cada um com um enfoque diferente, deixando claro sua complexidade. No âmbito escolar é concebida como prática pedagógica orientadora do trabalho do educador que deve ser utilizada de forma correta para contribuir com o progresso na aprendizagem dos alunos.

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, vigente no Art.24, inciso V

A verificação do rendimento escolar deve se dar por meio de: a) uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado (BRASIL, 1996, p.11).

Com base nesta Lei, o processo avaliativo deve ser contínuo e os critérios qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos. Mas, na verdade, isso não acontece. Atribuir uma nota é apenas uma parte do processo avaliativo. A avaliação deve assumir um papel de investigação e reflexão das ações desenvolvidas na sala de aula, ocorrendo durante todo o percurso do aluno e não apenas no seu término.

O processo de avaliação vai muito além das provas que os professores estão habituados, a avaliação deve envolver o processo educativo, na construção do saber, dia após dia.

Avaliar não se restringe somente em fazer prova e aplicar trabalhos, desde o momento que entra na sala de aula o professor já faz uma avaliação ao olhar para os alunos, avaliando desta forma a roupa que veste, o estilo do cabelo, sua forma de expressar-se, enfim, a avaliação acontece em todo momento, o tempo todo.

A avaliação não pretende controlar e classificar o rendimento do aluno ou aluna, tampouco pode ser, direta ou indiretamente, usada para controlar e classificar o rendimento da professora. A avaliação pretende promover uma reflexão que participe da experiência de ensinar com e de aprender com, tecida coletivamente na sala de aula, na sala de professores, no pátio, no refeitório, no banheiro, nos corredores, no portão, na biblioteca, nos tantos outros lugares por onde transitam os sujeitos que se encontram na escola para realizarem, juntos, um trabalho que visa a ampliação permanente dos conhecimentos (ESTEBAN, 2008, p.35).

Conforme destaca a autora a avaliação não acontece apenas na sala de aula, mas também em todo o ambiente escolar. É um processo trilhado por educandos e

educadores, onde fazem uma reflexão de erros e tentam corrigi-los a fim de se chegar ao objetivo maior da educação que é a aprendizagem de todos os alunos.

Corroboro com a perspectiva de Luckesi (2002, p.175) “[...] a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento [...]”. É um caminho cheio de variáveis, como também, é norteador e fornecedor de diversas informações necessárias para auxiliar o professor na sua prática de ensino, determinando suas etapas e estabelecendo as suas metas, para mostrar aos alunos os percursos certos na construção de seus conhecimentos.

Ainda, segundo Luckesi, é necessário considerar que:

A aprendizagem dos educandos depende de um sistema de causas, e não de uma causa única. Desse modo, as dificuldades podem ter a ver com o educando, com o educador ou com as condições de ensino, com o currículo ou com outros fatores que transcendem a sala de aula (LUCKESI, 2011, p.183).

Logo, o professor precisa refletir e ajustar sua prática para atender às diversas necessidades dos alunos, e também avaliá-los no decorrer das atividades desenvolvidas na sala de aula e extra sala, buscando assim, novas estratégias de avaliação e usando-a não para julgar, mas sim, para ajudar os educandos a desenvolver habilidades e superar suas dificuldades.

O professor assume o papel de investigador, de esclarecedor, de organizador de experiências significativas de aprendizagem. Seu compromisso é o de agir refletidamente, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir da melhor observação e conhecimento de cada um dos alunos, sem perder a observação do conjunto e promovendo sempre ações interativas (HOFFMANN, 2001, P.18).

A avaliação só faz sentido, se os seus resultados permitirem aos alunos e aos professores uma reflexão sobre os processos pedagógicos e práticas docentes e discentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem ainda uma orientação para avaliação nas séries iniciais que ultrapassa a visão da avaliação tradicional, “para ser entendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional” (BRASIL, 1997, p.55).

De acordo com este documento, o professor deve interpretar qualitativamente os conhecimentos construídos pelos alunos, realizando uma avaliação contínua e

sistemática. Logo, a avaliação, nesta perspectiva, auxilia tanto o professor quanto os alunos e a escola. Como podemos perceber, a avaliação subsidia o professor numa “reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo”. E, em relação ao aluno, a avaliação:

[...] é instrumento de tomada de consciência para suas conquistas, dificuldades e possibilidades para a reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. (BRASIL, 1997, p.55).

Os PCN ressaltam a importância de se fazer uma avaliação investigativa inicial, e ao final de cada unidade de ensino. Essa prática é vista como essencial para que o professor possa planejar e dar continuidade ao processo de aprendizagem. “Esta avaliação, que intenciona averiguar a relação entre a construção do conhecimento por parte dos alunos e os objetivos que o professor se propôs, é indispensável para saber se todos os alunos estão aprendendo [...]”. (BRASIL, 1997, p.56). Está claro neste documento que a avaliação investigativa pode ocorrer também durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

2.3 Paradigmas da avaliação e práticas docentes

A avaliação da aprendizagem escolar faz parte da rotina da sala de aula, sendo utilizada periodicamente como um dos aspectos complementares do processo ensino e aprendizagem.

Sendo a avaliação da aprendizagem um componente indispensável do processo educativo, é fundamental que haja um acompanhamento do desenvolvimento do educando no processo de construção do seu conhecimento. Para isso, o professor precisa caminhar ao lado do educando, durante todo percurso de sua aprendizagem.

A avaliação escolar pauta-se em alguns paradigmas, de acordo com os autores Hoffmann e Luckesi: são eles a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação classificatória ou somativa.

A concepção mais presente na educação ainda, é a classificatória ou somativa, usada na escola como instrumento para medir a capacidade do aluno por meio da nota para verificar se ele obteve um resultado estabelecido. Esse tipo de avaliação baseia-se na nota para verificar a existência de um padrão de rendimento pré-determinado, no qual os alunos são comparados entre si pelo desempenho de cada um. Como afirma Hoffmann (2009, p. 16): “as práticas avaliativas classificatórias fundam-se na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes nas relações entre professor e alunos, entre os alunos e entre os próprios professores”.

Dessa forma, este paradigma de avaliação, não possibilita ao educando aprender para a vida e de maneira reflexiva, mas sim, para realizar uma prova ou um trabalho e obter uma nota, dando valor a uma aprendizagem memorizada. Então, a intenção dessa avaliação é classificar o aluno para aprovação ou reprovação.

Nesse processo a preocupação do professor não é avaliar o estudante nos seus processos de aprendizagens, e nem verificar as suas dificuldades para fazer mudanças necessárias. O propósito principal é avaliar para atribuir uma nota de acordo com os resultados obtidos nos dias de prova, essa atribuição de notas e conceitos ao aluno tem sido um sério problema nos dias atuais. Logo, a avaliação deve ser visto como um processo contínuo e investigativo, ou seja, não ocorrer apenas em um só dia, mas durante todo o período letivo, como defende a modalidade formativa.

A avaliação classificatória funciona como um poderoso instrumento de controle, podendo o professor decidir sobre o futuro do aluno no âmbito escolar. Essa perspectiva de avaliação, com o caráter de medir o rendimento do aluno simplesmente através de prova, não apresenta informações seguras, sobre a aprendizagem do aluno, porque ela pode usar de meios falsos, como a cola e a decoreba para obter uma nota, sem mostrar o seu aprendizado verdadeiro.

Além disso, a avaliação classificatória torna-se ainda mecanismo de seleção e exclusão, quando baseada na classificação e diferenciação das respostas dos alunos em certas e erradas, estabelecendo como padrão do professor para orientar sua prática avaliativa, o erro revela que o aluno não sabe e o acerto associa-se ao saber. Desse modo, a diversidade de conhecimentos dos alunos é desvalorizada e a

prática do educador forma-se como excludente na medida em que vai selecionar o que pode e deve ser aceito no seu trabalho.

O paradigma da avaliação formativa, ocorre ao longo do ano, através de acompanhamentos, cotidianos aos estudante no decorrer de suas atitudes. Nessa concepção de avaliação, o professor ajuda o aluno a desenvolver suas capacidades cognitivas, constatando suas dificuldades, visando superá-las.

A essência da concepção formativa está no envolvimento do professor com os alunos e na tomada de consciência acerca do seu comprometimento com o progresso deles em termos de aprendizagens – na importância e natureza da intervenção pedagógica. A visão formativa parte do pressuposto de que, sem orientação de alguém que tenha maturidade para tal, sem desafios cognitivos adequados, é altamente improvável que os alunos venham a adquirir da maneira mais significativa possível os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento, isto é, sem que ocorra o processo de mediação (HOFFMANN, 2009, p.20-21).

Assim, a relação de mediação entre professor-aluno é pressuposto básico da avaliação formativa, o educador deve conhecer melhor o discente e seus interesses para poder adequar o seu processo de ensino, obtendo informações durante todo o processo, vai saber o seu grau de conhecimento, fazendo assim, sua avaliação de forma contínua, ajudando-o quando apresentar mais dificuldades. É importante que ao terminar uma atividade o professor faça uma análise sobre o sucesso alcançado em função dos objetivos propostos, observando se esses objetivos foram alcançados por todos.

Portanto, avaliar numa visão formativa não é só avaliar o momento, mas a ação que deve ser feita no dia a dia no espaço escolar, diante das atividades realizadas pelo professor, onde acompanhe o aluno em seu desenvolvimento, conhecendo seus avanços e limites no processo de aprendizagem.

A avaliação diagnóstica acontece, por exemplo, no início do ano letivo para que o professor conheça o aluno, para que tenha uma ideia da realidade com quem vai trabalhar, ou seja, o professor vai verificar os conhecimentos prévios dos alunos, o que eles sabem e o que eles não sabem sobre determinado conteúdo. Não tem a finalidade de atribuir nota. Parte do pressuposto de que, quanto mais informações se tem sobre o aluno, mais condições de compreendê-lo e tomar os vários tipos de decisões necessárias às trajetórias do fazer avaliativo.

[...] a avaliação diagnóstica será, com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, situação que lhe garantirá sempre relações de reciprocidade (LUCKESI, 2002, p.44).

Ao começar o ano letivo, é recomendado que o professor faça uma avaliação diagnóstica da sua classe, para verificar o que os alunos aprenderam nos anos anteriores, quais os conhecimentos prévios que já possuem, como forma de orientar as próximas práticas. É frequente o nível de conhecimento variar de aluno para aluno de uma mesma série, o professor perceberá que uns alunos aprendem mais rápido que os outros, alguns tem mais facilidade para gravar o que foi aprendido, enquanto outros esquecem mais rapidamente. Portanto, é por meio dessa avaliação inicial com função de diagnosticar que o professor irá determinar quais os conhecimentos e habilidades que devem ser retomadas antes de introduzir os conteúdos específicos.

Nesse processo de avaliação é necessário um diálogo constante entre professores e alunos, para avançar na construção do conhecimento e no crescimento de alunos e professores. Como assinala Hoffmann (2009, p. 25), “[...] o caminho é o diálogo. Não há educação sem diálogo, e o verdadeiro diálogo pressupõe interlocução, reconstrução conjunta das práticas avaliativas.”

Esses processos avaliativos apresentados estão sempre presentes na prática educativa, e elas estão para facilitar ou dificultar a aprendizagem do aluno, dependendo de qual vai ser a modalidade adotada pelo docente. Por isso, é importante o professor pensar nas formas avaliativas utilizadas, para não agir como juiz, classificando os alunos, pois a maior preocupação ao desenvolver sua ação pedagógica, deve ser a de conseguir com que possa propiciar momentos de interação entre professor e aluno, onde o educador possa entender e contribuir no desenvolvimento dos educandos de forma significativa.

Uma avaliação com caráter mediador consiste em uma avaliação processual, ou seja, uma avaliação que se desenvolva ao longo da aprendizagem do aluno, coletando dados que permitam ao professor intervir positivamente no ensino, acompanhando o processo de aprendizagem do educando.

A avaliação mediadora implica substituir o paradigma da avaliação tradicional, em que apenas classifica a aprendizagem do aluno. As avaliações classificatórias

alicerçam-se em referências normativas, pois promovem a ordem dos indivíduos em decorrência da explicitação de condutas e saberes padronizados, enquanto favorece o individualismo do aluno.

[...] não há como delimitar tempos fixos para a aprendizagem, porque é um processo permanente, de natureza individual, experiência singular de cada um. Não há sentido em valorizar os pontos de chegada, porque são sempre pontos de passagem, provisórios. O importante é apontar os rumos do caminho, ajustar os passos ao esforço necessário, torná-lo tão “sedutor” a ponto de aguçar a curiosidade do aprendiz para o que está por vir (HOFFMANN, 2001, p. 57).

A avaliação mediadora destina-se a conhecer, não apenas para compreender, mas também para promover ações em benefícios aos educandos, um dos papéis do professor é mediar e construir conhecimentos que contribuam com o sucesso dos alunos, ou seja, o professor tem a responsabilidade de através de uma prática reflexiva conhecer o seu aluno e identificar a maneira adequada de promover a aprendizagem, levando em conta seus conhecimentos anteriores. Assim, o professor precisa adotar uma postura reflexiva e uma formação continuada para saber avaliar o aluno, avaliar a si mesmo e avaliar o processo que deverá ser permanente, pois se o aluno fracassar não será apenas sua responsabilidade, mas também do professor que ao avaliar seu aluno constantemente deve realizar as devidas correções, buscando novos caminhos e alternativas para que a aprendizagem ocorra.

Um professor mediador utiliza a observação como um aliado na construção do conhecimento. Ao observar seu aluno, ele é capaz de identificar suas habilidades e trabalhá-las plenamente e também suas dificuldades, procurando alternativas junto ao aluno para transformar a aprendizagem em um momento prazeroso, levando o aluno a perceber sua importância para a construção de seu próprio conhecimento. Por isso, é fundamental que os professores entendam o verdadeiro significado da avaliação e questionem a sua prática de forma consciente.

Mediar a experiência educativa significa acompanhar o aluno em ação – reflexão-ação. Acompanha-se o aluno em processos simultâneos: de aprender (buscar novas informações), de aprender a aprender (refletir sobre procedimentos de aprendizagem, de aprender a conviver (interagir com os outros), de aprender a ser (refletir sobre si próprio enquanto aprendiz) (HOFFMAN, 2001, p.94).

A mediação é aproximação, é diálogo, que assume um papel relevante na educação, é o acompanhamento do jeito de ser de cada aluno, bem como da sua história pessoal e familiar, nela o tempo do aluno deve ser respeitado, pois ele é sujeito e produtor de seu conhecimento. Exemplificando, em uma mesma atividade os alunos apresentarão reações diferentes de entendimento, riqueza em suas respostas e até mesmo nas manifestações.

A tomada de consciência, por parte dos professores do ensino fundamental, dos caminhos ou rotas de aprendizagem dos alunos e, até mesmo das suas, torna-se relevante para que estes se reconheçam como capazes, não apenas para produzir um resultado, mas, principalmente, para compartilhar um processo de aprendizagem mediada. Busca-se compreender como o indivíduo organiza e entre em contato com as informações, como organiza seu pensamento e, conseqüentemente, como se utiliza destas informações, construídas por meio de seus processos mentais para consolidar novos saberes. Tais elementos são relevantes para o trabalho em educação, principalmente para os professores do ensino fundamental que, a partir da tomada de consciência das condições de novos saberes, poderão melhor compreender o seu processo de aprendizagem e de seus alunos e, conseqüentemente, desenvolver uma prática pedagógica desafiadora, sendo, portanto, promotora de desequilíbrios, por meio do conflito sócio cognitivo, fruto da interação entre pares, o que favorecerá a reestruturação cognitiva, levando o sujeito desse processo ao progresso intelectual (BOLZAN, 2002, p.56, *apud* HOFFMANN, 2009, p.24).

Na avaliação mediadora é importante que o professor seja reflexivo e que tome decisões coerentes, coloque-as em prática, avaliando e ajustando, conforme suas experiências e as necessidades de seus alunos, pois estes estão sempre evoluindo, em diferentes ritmos à medida que o professor os provoca a prosseguir sempre.

A avaliação mediadora não é uma tarefa fácil para o professor, pois ao realizá-la, também, estará revendo uma avaliação de sua atividade docente, o que vem a torná-la ainda mais difícil, pois o professor não está acostumado a ser avaliado, e sim avaliar. Para que esta avaliação seja vivenciada efetivamente é necessário que os professores tenham o desejo de mudança, pois exige que o professor observe sua turma e os ouça, pois nesta avaliação o aluno também participa, dando opiniões e sugestões no sentido de transformar os momentos de aprendizagem mais prazerosos, o professor deve repensar suas concepções e práticas visando superar as formas classificatórias de julgar e punir o aluno.

2.4 Funções da avaliação

De acordo com a literatura, a avaliação como componente didático cumpre importantes funções no processo de ensino e aprendizagem. Essas funções são definidas a partir da concepção de educação do professor e se evidencia na maneira como conduz a ação didática. De acordo com Libâneo (1994, p. 196) a avaliação escolar tem pelo menos três funções: função pedagógico-didática, função de controle e função diagnóstica:

- Função pedagógico-didática: refere-se ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar.
- Função de diagnóstico: permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos.
- Função de controle: se refere aos meios e à frequência das verificações e da qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

As funções apresentadas pelo autor atuam de forma interdependente; assim, não podem ser vistas isoladamente. A função pedagógico-didática se relaciona aos objetivos do processo educativo e vincula-se às funções de diagnóstico e de controle. A função de diagnóstico deve estar ligada à função pedagógico-didática para que não se torne vazia.

A função de controle sem se ligar à função de diagnóstico ou sem o significado pedagógico-didático, restringe apenas à tarefa de atribuir notas e conceitos. Daí a importância dada à interligação entre as três funções.

A função diagnóstica prioriza a análise do processo de construção do conhecimento do aluno. É um processo em que o professor acompanha, investiga e detecta as dificuldades do educando no seu cotidiano.

A avaliação como diagnóstica é a verificação de até que ponto uma prática é caminho para a concretização de uma idéia, de um valor ela verifica o presente, para programar o futuro. Trata-se de vida e crescimento. Analisam-se as condições de determinada prática (de uma realidade) a fim de verificar quais são as alterações necessárias para que esta realidade se construa numa direção desejada e explícita. Este tipo de avaliação está relacionado a uma prática que tenha um resultado social desejado (HOFFMANN, 2000, p.15).

Assim, ao diagnosticar o professor deve ser capaz de localizar num determinado momento, em que etapa do conhecimento encontra-se o estudante e,

posteriormente identificar o que é necessário para estimular o seu processo. Esse diagnóstico é onde se avalia a qualidade do erro ou acerto do educando, permitindo assim que o educador possa adequar o ensino as necessidades de cada um.

Para não ser autoritária e conservadora a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético de avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos (LUCKESI, 2002, p.43).

A função da avaliação enquanto diagnóstica revela um campo teórico e prático do professor, que atende às várias intencionalidades, mas todas direcionadas para a transformação do aluno.

Assim, a função de controle ajuda a captar os avanços e as dificuldades que forem se manifestando ao longo do processo educacional, ainda em tempo do professor fazer mediação para afastar ou superar as dificuldades. Pode informar constantemente o que está acontecendo e os resultados dessa função podem mostrar a necessidade dos professores de rever seus planos e fazer mudanças em decisões tomadas.

2.5 Instrumentos e procedimentos avaliativos

Os recursos que são usados para isso chamam-se instrumentos de avaliação. Para a realização de uma avaliação integral, existe uma variedade de instrumentos avaliativos, sendo que devem ser selecionados visando os objetivos propostos.

Libâneo (1994, p.203-204), descreve os instrumentos mais comuns de verificação do rendimento escolar:

- Prova escrita dissertativa: conjunto de questões ou temas que devem ser respondidos pelos alunos com suas próprias palavras.
- Prova escrita de questões objetivas: em sua elaboração, ao invés de respostas abertas, pede-se que o aluno escolha uma resposta entre alternativas possíveis de respostas.
- Questões certo-errado (C ou E): o aluno escolhe a resposta entre duas ou mais alternativas.
- Questões de lacunas (para completar): compostas de frases incompletas, deixando um espaço em branco (lacuna) para ser preenchido com uma só resposta certa. Podem apresentar mais de um espaço em branco, no meio ou no final da afirmação.
- Questões de correspondência: duas listas de termos ou frases. Na coluna da esquerda coloca-se conceitos, nomes próprios ou frases, cada um com

uma numeração. Na coluna da direita coloca-se respostas fora de ordem que devem ser assinaladas de acordo com a coluna da esquerda.

- Questões de múltipla escolha: composta por uma pergunta, seguida de várias alternativas de respostas. Podem ser de três tipos: apenas uma alternativa correta; a resposta correta é amais completa (nesse caso, algumas alternativas são parcialmente corretas); há mais de uma alternativa correta.

- Questões do tipo teste de respostas curtas ou de evocação simples: classificada por alguns autores como provas objetivas, também são respondidos na forma de dissertação, resolução de problemas ou simplesmente de recordação de respostas automatizadas. São os testes escolares comuns.

- Questões de interpretação de texto: perguntas feitas com base num trecho escrito ou numa frase.

- Questões de ordenação: apresenta uma série de dados fora de forma e o aluno deve ordená-los na seqüência correta.

- Questões de identificação: questões para identificar partes, por exemplo, da flor, do corpo humano (num gráfico), localização de capitais ou acidentes geográficos.

É relevante que o educador utilize todos os recursos disponíveis para obter o máximo de informações sobre o desenvolvimento escolar dos alunos, por isso não convém utilizar-se apenas de um instrumento de avaliação, mas sim o uso de técnicas e instrumentos variados para melhor aproveitamento do ensino e aprendizagem dos educandos.

Os instrumentos acima descritos, são considerados os mais comuns no que diz respeito à verificação do rendimento escolar. O autor cita ainda a observação e a entrevista como exemplos de procedimentos auxiliares da avaliação escolar.

A observação visa investigar, informalmente, as características individuais e grupais dos alunos, tendo em vista identificar fatores que influenciam a aprendizagem e o estudo das matérias e, na medida do possível, modificá-los (LIBÂNEO, 1994, p. 214).

A observação é um procedimento importante no processo avaliativo, pode não somente avaliar o aprendizado intelectual relacionado a objetivos específicos de determinadas matérias, como também destacar o desenvolvimento do aluno no que diz respeito a habilidades, hábitos e atitudes do convívio sócio-cultural do indivíduo.

A entrevista para o autor é definida da seguinte forma:

Uma técnica simples e direta de conhecer e ajudar a criança no desempenho escolar. Deve ter sempre um objetivo: ampliar os dados que o professor já tem, tratar de um problema específico detectado nas observações, esclarecer dúvidas quanto a determinadas atitudes e hábitos da criança (LIBÂNEO, 1994, p. 215-216).

Ainda, acrescenta que a entrevista requer um relacionamento afetuoso e acolhimento amigável do professor com o aluno colocando-o à vontade, fazendo perguntas claras e compreensíveis.

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

Esta pesquisa teve como objeto de estudo as Concepções, Práticas e Instrumentos avaliativos vivenciados no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais, a pesquisa visou os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar as concepções, práticas e instrumentos de avaliação dos professores nos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivos específicos:

- Discutir as implicações da avaliação classificatória;
- Refletir as contribuições da avaliação mediadora;
- Conhecer os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores para avaliar seus alunos;
- Identificar os tipos de avaliação no contexto escolar e a sua importância na aprendizagem significativa dos alunos;

3.1 Tipo de pesquisa

Apresenta-se a seguir o caminho percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, procurando assim alcançar os objetivos propostos.

Conforme Oliveira (2008, p.43):

Entende-se como metodologia de pesquisa um processo que se inicia desde a disposição inicial de se escolher um determinado tema para pesquisar até a análise dos dados com as recomendações para minimização ou solução do problema pesquisado. Portanto, metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos.

Portanto, para que se consiga alcançar os objetivos precisa utilizar-se de procedimentos metodológicos, ou seja, o método pelo qual deseja-se utilizar para

alcançar tais objetivos. Partindo desta perspectiva esta pesquisa está pautada em uma pesquisa descritiva. Segundo Oliveira (2008, p.68):

[...], a pesquisa descritiva vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada.

Foi realizada uma pesquisa de campo, os dados coletados foram analisados em uma linha de pesquisa qualitativa e quantitativa, a abordagem qualitativa “[...] pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevista ou questões abertas [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 59). Esta pesquisa está pautada nessa abordagem, pois consiste em estudar e analisar opiniões. Todavia, também dispõe de uma abordagem quantitativa, porque dentro de alguns questionamentos pode haver a retirada de resultados quantitativos. “Este tipo de abordagem significa quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários, entrevistas, observações [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 61).

3.2 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal do Ensino Fundamental, localizada na cidade de Paulista-Paraíba, com três professoras, que trabalham no 2º, 3º e 5º ano do Ensino Fundamental I, na referida escola.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Foi utilizada como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada com questões abertas para que as professoras pudessem expor seus questionamentos e posicionamento, dando desta forma a possibilidade de completar com outras indagações em relação as perguntas feitas, obtendo respostas mais claras e elaboradas. A entrevista é composta de questões referentes aos dados pessoais de identificação das professoras investigadas e sete perguntas relacionadas ao termo em estudo, para não identificação dos sujeitos da pesquisa foram denominados como professoras: P1, P2 e P3.

Os dados coletados foram analisados a partir das falas das docentes e dos autores que fundamentaram esta pesquisa, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos.

3.4 Caracterização do *locus* de pesquisa

A escola, está localizada na cidade de Paulista, a referida instituição é pública e pertence a rede municipal de ensino. Foi fundada em 1990, com o objetivo de atender a toda população na perspectiva de formar desde cedo crianças e jovens no conhecimento e na moral para a atuação consciente na sociedade. A escola atende sua clientela em dois turnos, com aproximadamente 465 alunos distribuídos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I.

Com relação a sua estrutura física é localizada em um bairro afastado do centro da cidade, porém bastante habitado. O prédio é amplo e oferece segurança a partir dos portões fechados com cadeado e todas as janelas são gradeadas apesar de não ter muradas. Dispõe de 30 cômodos, divididos em salas de aula e demais dependências, destacando as principais que são 12 salas de aula, 1 sala multifuncional, 1 cozinha, 1 direção, 8 banheiros - 2 deles são adaptados para crianças com necessidades especiais sendo divididos em feminino e masculino, 1 sala de professores, 1 quadra de esporte, 1 sala de computação, 1 biblioteca, 2 almoxorifado, e 1 área de serviço.o espaço educacional.

A instituição não disponibiliza, especificamente, de atendimentos de Serviços Assistenciais (odontológico, médico, psicológico), pois quando necessário procura-se os assistentes do município através do Programa Saúde na Escola ou quando se tem urgência leva-se a criança ao posto de saúde mais próximo da escola, o único atendimento frequente é o da Nutricionista que acompanha o cardápio da escola e caso precise de consulta individual se disponibiliza.

Com relação aos recursos e equipamentos didático – pedagógico possui 4 TVs, 4 dvds (vídeo), 3 data show, 2 caixas de som, 5 microsystem, 6 microcomputadores, 2 notebook, 4 microfones, 2 impressoras para pesquisas em geral e retirada de atividades para as crianças. Aos serviços multimeios a escola disponibiliza de jogos pedagógicos de diversas disciplinas que auxiliam aos professores quando se faz necessário.

No que diz respeito aos recursos humanos atuantes no estabelecimento de ensino são compostos por mulheres e homens. Com relação ao corpo administrativo é composto de uma diretora, uma vice diretora e duas secretarias, já o corpo pedagógico uma supervisora escolar. A diretora é graduada em Pedagogia e Geografia, com Especialização em Surpevisão Educacional com tempo de formação de 16 anos, a vice diretora é graduada em Letras e Pedagogia com Especialização em Psicopedagogia Clínica com tempo de formação de 10 anos, as secretárias uma tem magistério enquanto a outra apenas o ensino médio completo, e a supervisora escolar é graduada em Letras a 9 anos, com pós graduação em Língua, Linguística e Literatura.

O corpo docente é formado por 21 professores, sendo em sua grande maioria licenciados em Pedagogia, tendo ainda formações em História, Letras, Geografia, todos possuem especialização na área da Pedagogia. O corpo técnico de apoio é composto por 13 funcionários correspondentes as seguintes funções: 9 auxiliares de serviço gerais, 2 guardas, 1 vigilante e 1 bibliotecária.

A escola atende a uma público alvo de 465 alunos distribuídos em dois turnos: manhã 306 alunos com faixa etária de 4 à 14 anos, dentre esses 7 são crianças com necessidades especiais todos com diagnóstico. No turno tarde, 159 alunos com faixa etária de 6 à 14 anos, dentre esses 6 são crianças com necessidades especiais todos com diagnóstico, as séries são subdivididas do nível IV na Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, atendendo nos horários pela manhã de 7:00 às 11:15 e a tarde de 13:00 às 17:15.

O planejamento é realizado semanalmente, de forma coletiva, com a presença da diretora, do grupo de professores e a participação da supervisora escolar, em que há avaliação e registro dos planejamentos, que são feitos no caderno de acompanhamento e nos diários.

Os alunos pertencentes a esta escola são filhos de pais que pertencem à classe baixa e média, e possuem algo em comum: em geral, são pessoas que trabalham fora, empregados no comércio, empregadas domésticas, pedreiros, trabalham na Prefeitura Municipal, e são também agricultores, que querem uma educação de qualidade. São pessoas com expectativas de valorizar as outras habilidades além das cognitivas, conhecem uma educação humanista, crítica e significativa voltada para a formação de jovens com opinião própria, autônomos, que cultivem valores baseados na solidariedade e no bem coletivo.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A análise e discussão dos resultados descritos foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada. Os dados coletados possibilitaram refletir e analisar pelas falas das educadoras mediadas com os diversos autores que discutem a temática uma compreensão específica sobre a avaliação no contexto escolar.

4.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Entrevistadas	Idade	Sexo	Ano que leciona	Formação Acadêmica	Pós-graduação	Tempo de atuação	Tempo de atuação na escola
P1	Entre 40 e 45 anos	F	2° ano	Licenciada em Geografia	Supervisão Escolar	28 anos	6 anos
P2	Entre 40 e 45 anos	F	3° ano	Licenciada em Pedagogia	Supervisão Escolar	26 anos	6 anos
P3	Entre 40 e 45 anos	F	5° ano	Licenciada em História	Supervisão Escolar	23 anos	23 anos

Fonte: Dados da pesquisa de campo 2016.

Analisando o quadro com as características dos sujeitos da pesquisa, observa-se que todas as docentes são do sexo feminino, e possuem idade variada entre 40 e 45 anos de idade, todas com um período de atuação entre 6 e 23 anos de experiência em sala de aula. Todas com formação superior, sendo 1 em Pedagogia, 1 em História e outra em Geografia, com especialização em Supervisão Escolar. Todas as professora investigadas lecionam no Ensino Fundamental I, nos 2°, 3° e 5° anos.

O primeiro questionamento feito as professoras foi sobre seu entendimento acerca do conceito de avaliação. Tendo como intuito nessa questão de perceber quais os conhecimentos prévios das professoras sobre o tema, e levá-las a refletir a respeito do assunto, visando a melhor compreensão para as questões seguintes.

Todas relatam a avaliação como um processo contínuo, como mostra as falas a seguir:

Vejo a avaliação como um processo contínuo para que eu possa não só verificar o rendimento de meus alunos, mais também, redimensionar a minha ação pedagógica. (P1)

Vejo a avaliação como um processo contínuo da escolarização, não sendo uma prática castradora e sim algo que faça o aluno melhorar seus conhecimentos como também servir como reflexão para a prática pedagógica. (P2)

Avaliar é preciso; não como forma de punição, mas sim, de evolução de conhecimentos. (P3)

Segundo as falas das docentes é compreendido que a avaliação é um processo contínuo e bastante complexo.

Avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa a interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento dos alunos, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas de planificação do trabalho e da escola como um todo (PILETTI, 2000, p.190).

Para tanto, a avaliação no processo contínuo diz respeito a observações diárias dos alunos, com o seu agir e fazer dentro da sala de aula. Exigindo assim reflexão, interação e aprendizagem dos sujeitos aluno e professor para com a ação pedagógica.

Avaliar para orientar a prática de ensino, as diversas situações de aprendizagem, pois, a avaliação enquanto prática ela investiga, interroga e busca identificar os conhecimentos envolvidos no diálogo aluno e aprendizagem. Sabendo-se que a aprendizagem deve-se fazer presente na vida escolar do educandos, pois ela traz real significado de reflexão para todos os envolvidos em seu processo.

A avaliação nesse sentido pode ser vista como um sistema de informações contínuas ao aluno e ao professor, pois permite a ambos a correção de erros e incentiva o desenvolvimento do grupo. Tais aspectos tornam a aula um espaço de convivência e de relações desafiadoras e, quem sabe um encontro apaixonante.

Quando perguntado se as professoras utilizavam a avaliação qualitativa, diante da pergunta todas confirmaram que “Sim”, conforme as seguintes respostas.

Sim. Pois, só assim conseguimos perceber as dificuldades dos alunos e o que eles assimilaram. (P1)

Sim. Por meio de fichas onde avaliamos aspectos sociais, culturais e cognitivos do aluno. (P2)

Sim. Nem sempre a avaliação quantitativa mede o conhecimento, às vezes o psicológico bloqueia o conhecimento. (P3)

Percebe-se a partir das respostas a importância e a compreensão que as docentes consideram em uma avaliação qualitativa, visando a aprendizagem dos alunos.

[...] Se o professor faz a avaliação para atribuir um valor, nota ou qualquer outra expressão ele o faz de uma forma. se ele acredita que o resultado da avaliação deve contribuir para qualificar a aprendizagem, com certeza, terá outra atitude frente à ação avaliativa (MELCHIOR, 2001, p.20).

A avaliação qualitativa visa o caminho da aprendizagem, em que o aluno evoluiu, o que construiu em um determinado tempo, para que dessa forma o professor possa dar continuidade no seu trabalho, diversificando ou não o seu fazer pedagógico.

Diante do questionamento de identificação das dificuldades encontradas na avaliação da aprendizagem dos alunos, as docentes apresentaram as seguintes respostas:

As principais dificuldades são: a falta de interesse e atenção na leitura e escrita por parte de alguns alunos. (P1)

Responder questões abertas, interpretações de texto, e não querer ler as questões. (P2)

A falta de interesse, de vontade de estudar por parte de muitos alunos, implicando em resultados indesejáveis. (P3)

Analisando as falas das professoras, é notável que a P1 e P3 concordam no que dizem, “a falta de interesse dos alunos” como sendo a maior dificuldade encontrada quando vão avaliar a aprendizagem.

[...] A escola, os professores, os alunos e os pais necessitam da comprovação quantitativa e qualitativa dos resultados do ensino e aprendizagem para analisar e avaliar o trabalho desenvolvido. Além disso, por mais que o professor se empenhe na motivação interna dos alunos, nem sempre conseguirá deles o desejo espontâneo para o estudo [...] (LIBÂNEO, 1994, p.200).

Conforme o autor e as falas das docentes, por mais que procurem meios para subsidiar o processo de aprendizagem, sempre há o desinteresse por parte de alguns.

Enquanto a P2, relata que sua dificuldade é em relação a como os discentes respondem questões elaboradas por ela.

Indagadas sobre qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem do aluno, as professoras relataram que eles são mediadores, pois motivam, orientam, auxiliam, estimulam, selecionam, facilitam e mostram caminhos através dos conteúdos para que os alunos aprendam mais, além disso tudo são exemplos para eles.

É função do professor é ensinar e desenvolver nos alunos por meio do ensino das disciplinas a que nos cabe. (P1)

O professor deve ser mediador da aprendizagem, estimular o aluno a querer descobrir determinados conteúdos, ensinando-o a estudar/aprender realmente e ter vontade de procurar mais. (P2)

Nossa função é intermediar, facilitar e selecionar conteúdos necessários para que a aprendizagem aconteça. (P3)

A avaliação deve propiciar um permanente diálogo entre educando e educador gerando uma “cumplicidade” na busca de melhores resultados, o que propicia um aumento na auto-estima e na autoconfiança do aluno e uma quebra de barreiras na relação professor-aluno (MELCHIOR, 2001, p.19).

O aluno aprende à medida que interage com o processo e responde aos incentivos do professor, é este fato que se diz que o professor é um facilitador da aprendizagem. A relação entre aluno e professor deve ser constante interação, com vistas à produção dos objetos de conhecimentos.

A responsabilidade fundamental do professor está em tornar possível diversos tipos de oportunidades e em assegurar a estrutura e a assistência de que cada aluno necessita para explorar, descobrir e desenvolver-se, conforme sua própria natureza. Ele é o elemento desencadeador do processo de ensino e aprendizagem, logo seu desempenho deve ser considerado com prioridade. Dele depende, em grande parte, que o aluno tenha uma atitude criativa, original ou apenas repetitiva (MELCHIOR, 2001, p.24).

O bom relacionamento entre professor e aluno, acredita que se faz importante para conseguir desenvolver melhor a capacidade de aprender mais com os conteúdos ou até mesmo com as atitudes, criando assim um entusiasmo pelo conteúdo e propiciando a compreensão do aluno de forma mais fácil. Se não houver aprendizagem satisfatória, cabe ao professor modificar todo o processo, pensando e repensando, o que se faz necessário para atender as peculiaridades de cada aluno.

Indagadas sobre os instrumentos de avaliação que utilizavam, se favoreciam a construção do conhecimento e aprendizagem dos alunos. Verificou-se que as professoras manifestaram-se positivamente.

Sim. Pois eles servem para auxiliar os alunos a superarem as suas dificuldades. (P1)

Sim. Não digo 100% mais procuro muita forma prazerosa pra realização das avaliações. (P2)

Sim. Busco meios que visam a análise, a reflexão e o despertar do conhecimento. (P3)

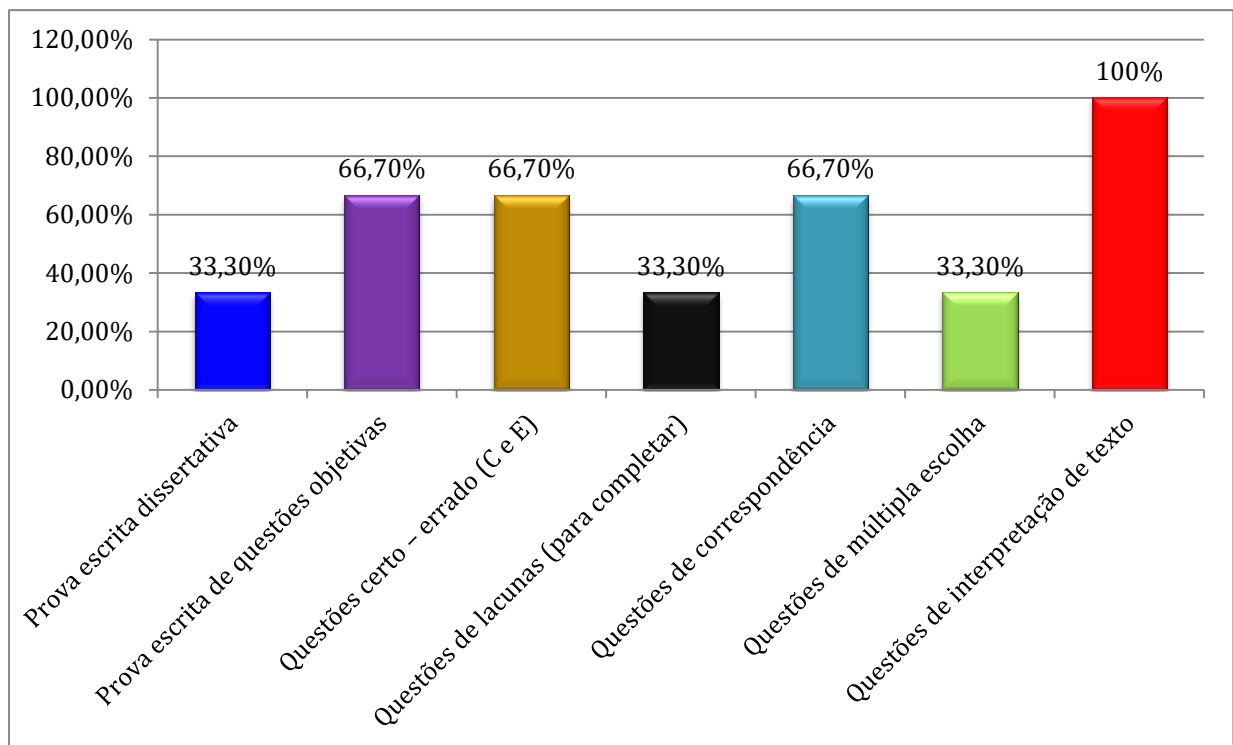
Compete ao professor encontrar as estratégias adequadas para mobilizar ao aluno a querer aprender, ter confiança em si, em relação a sua capacidade e esforça-se para compreender o que está sendo proposto. É necessário uma mudança de postura do educador frente a esse novo contexto, na busca por uma metodologia que atenda às individualidades e uma avaliação que reflita sobre o processo de aprendizagem (MELCHIOR, 2001, p.24).

Os instrumentos são os métodos que o professor estabelece para avaliar um conteúdo, devendo ser coerente com o que e como foi trabalhado em sala de aula. Eles devem estar adequados para coletar as dificuldades necessária do aluno em relação a aprendizagem.

Diante de tudo que foi citado e analisado, é perceptivo em algumas ideias que as docentes compreendem a importância de utilizar instrumentos avaliativos variados visando assim uma aprendizagem de qualidade dos educandos. Prezam por uma avaliação contínua, o que diferencia de uma avaliação tradicional.

Referente aos instrumentos de avaliação utilizados em sua prática pedagógica, no gráfico 1, estão representado os instrumentos citados pelas professoras e a porcentagem de cada resposta. Todas as opções apresentadas foram citadas pelas professoras em suas respostas.

Gráfico 1: Instrumentos de avaliação utilizados pelas professoras para avaliar seus alunos.



Fonte: Dados da pesquisa de campo 2016.

Quando perguntadas quais os instrumentos de avaliação utilizavam, muitas foram as respostas, no entanto, três desses foram os que mais se destacaram nas respostas, são eles: questões de interpretação de texto, prova escrita de questões objetivas e questões de correspondência.

Os instrumentos avaliativos a disposição do professor são diversos, muitas vezes o mais utilizado em todos os níveis de ensino tem sido a prova escrita, mesmo tendo clareza da necessidade de variar os instrumentos avaliativos para acompanhar o desempenho da turma.

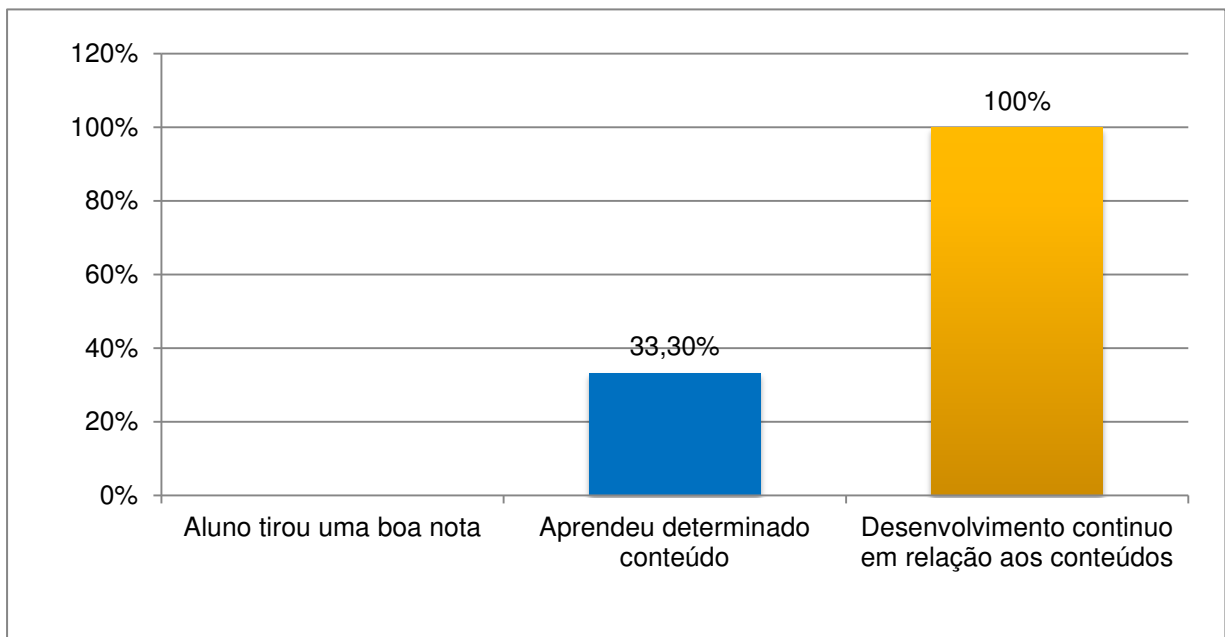
Devem ser usadas diversas técnicas e instrumentos de avaliação. Atualmente, a avaliação assume a função de diagnosticar, bem como de verificar a consecução dos objetivos previstos para o ensino aprendizagem. Para que a avaliação possa desempenhar estas funções é necessário o uso, combinado, de várias técnicas e instrumentos. Quanto mais dados o professor puder colher na avaliação, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais informação terá a seu dispor para re-planejar o seu trabalho e orientar a aprendizagem dos alunos (HAYDT, 1994, p.63).

Conforme a autora os instrumentos utilizados na prática avaliativa podem render bons resultados se forem bem elaborados para o diagnóstico e reorientação da prática docente, porém não para a classificação do educando.

De acordo com as respostas das docentes é perceptível, de que entendem a importância e fundamentam-se de diversos instrumentos para o aprofundamento da aprendizagem de seus alunos.

Em relação o que as docentes objetivavam ao realizar a avaliação da aprendizagem, considerando uma boa nota, se aprendeu determinado conteúdo ou o seu desenvolvimento contínuo, foi obtida as seguintes respostas de acordo com o gráfico.

Gráfico 2: O que o professor objetiva ao realizar a avaliação da aprendizagem.



Fonte: Dados da pesquisa de campo 2016.

Conforme o gráfico as educadoras consideram a aprendizagem dos conteúdos o objetivo principal de uma avaliação, desconsiderando a nota que apenas classifica o aluno. Dessa forma, as três professoras, em seus relatos, procuram demonstrar que buscam mediar a construção do conhecimento de seus alunos.

A avaliação, aqui, apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesma, como sujeito existencial e como cidadão (LUCKESI, 1997, p.174).

Essa ideia remete a compreender que a avaliação escolar se constitui em um aspecto qualitativo, desenvolvendo-se em todo o processo de ensino e aprendizagem do educando, quando estes assimilam os conteúdos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação, conforme foi apresentada ao longo deste trabalho, é um processo abrangente, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências e dificuldades, a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que impedem a aprendizagem dos alunos. A avaliação contínua e progressiva é necessária para acompanhar o desenvolvimento dos educandos e ajudá-los em suas eventuais dificuldades.

Para isso, toda essa abordagem histórica da avaliação da aprendizagem e da sua progressiva transformação de conceitos, a partir da visão dos teóricos, e falas dos professores, fica evidenciado que tudo isso está relacionado a necessidade de aperfeiçoamento da prática educativa, e que leva ao fato de que não basta só definir conceitos e de como deve ser o ato de avaliar em sala de aula, mas de que existam também na realidade, posturas críticas e reflexivas dos professores à cerca do tema, para que fundamentem suas ações e dêem suporte a uma prática avaliativa de qualidade, em todos os níveis de ensino.

Outra constatação que este estudo permitiu, consiste no fato de que a avaliação na perspectiva classificatória, não auxilia em nada, o avanço e o crescimento da aprendizagem do educando.

A avaliação escolar é um desafio que exige mudanças por parte do professor. Mudança requer muito estudo, reflexão e ação. Por isso, requer do educador a busca pela inovação, exige uma mudança na postura deste profissional tanto em relação à avaliação propriamente dita, à educação e a sociedade que o limita. É por meio das metodologias e dos processos avaliativos utilizados que o professor irá participar da reprodução ou transformação da sociedade na qual estamos inseridos, podendo formar, ou não, sujeitos críticos e emancipados para que possam nela conviver com equidade.

Todas as sete questões apresentadas para as professoras estavam relacionadas com os objetivos pretendidos na pesquisa, que tinha o intuito de conhecer os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores, identificar os tipos de avaliação no contexto escolar e sua importância na aprendizagem dos alunos .

Em virtude disso, obteve-se sucesso no que diz respeito a atender aos objetivos. Para tanto, algumas dificuldades foram enfrentadas durante esse processo como, por exemplo, a resistência de alguns professores a participarem da pesquisa, seja por receio de expressar-se sobre o assunto ou simplesmente não ter interesse. Porém, conseguiu-se chegar ao fim e atingir os objetivos pretendidos com aqueles que se dispuseram a participar.

Portanto, compreende-se que esta discussão é significativa e pertinente para o modelo de educação no qual a escola na atualidade está caminhando. Tendo em vista, uma educação pautada no professor como um mediador do conhecimento, aquele que ajuda o aluno a aprender e também aprende junto com ele.

Na verdade toda reflexão sobre a avaliação, pode ser resumida em adequá-la com as finalidades da escola e da aprendizagem do aluno, onde não se pode haver mecanismos seletivos e nem classificatórios. No entanto, é esperado que a avaliação seja usada como um instrumento que acompanha todo o processo educacional e não se restringe a julgamento do aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2008. – 3. ed. (Série cultura, memória e currículo; v.5).

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática 1994.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

----- . **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtiva**. 39 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

----- . **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2009. (5 ed. rev. e atual.) 176 p.

----- . **Avaliação pontos e contra pontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre. Mediação, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **A prática pedagógica de professores da escola pública**. São Paulo. 1991.

----- . **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

----- . **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14: ed. São Paulo: Cortez, 2002.

----- . **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

----- . **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

----- . **Avaliação da aprendizagem componente do atopedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação para qualificar a prática docente: espaço para a ação supervisora** – Porto Alegre: Premier, 2001.

MICHAELIS. **Minidicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2: ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 17: ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR (A):

Idade: () entre 25 e 30 anos () entre 30 e 40 anos () entre 40 e 45 anos

Gênero: () feminino () masculino

Carga horária em sala de aula: -----

Série que leciona: -----

Formação acadêmica: -----

Possui Pós – Graduação: () sim () não **Qual:**-----

Tempo de atuação no magistério: -----

Tempo de atuação na escola: -----

QUESTÕES DE ENTREVISTA:

1. Qual sua concepção de avaliação da aprendizagem?

2. Você utiliza a avaliação qualitativa?

() sim () não

Comente: -----

3. Quais as dificuldades encontradas na avaliação da aprendizagem de seus alunos?

4. Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem do aluno? Por que?

5. Você acredita que seus instrumentos de avaliação favorecem na construção do conhecimento e da aprendizagem de seus alunos?

() sim () não

Comente:-----

6. Quais os instrumentos de avaliação utilizados para avaliar seus alunos?

- () Prova escrita dissertativa;
- () Prova escrita de questões objetivas;
- () Questões certo – errado (C e E);
- () Questões de lacunas (para completar);
- () Questões de correspondência;
- () Questões de múltipla escolha;
- () Questões de interpretação de texto;

7. Quando você realiza a avaliação da aprendizagem o que você objetiva?

- () se o aluno tirou uma boa nota
- () se aprendeu determinado conteúdo
- () seu desenvolvimento contínuo em relação aos conteúdos

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Orientanda: Manuela Moura de Almeida

Orientadora: Professora Doutora Maria de Lourdes Campos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) no estudo **“CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS VIVENCIADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS”**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira codificada, para não permitir a identificação de nenhum voluntário (a).

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será realizada, além de como será conduzida em relação a minha participação. Portanto, concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Assinatura do participante voluntário (a) do estudo

Assinatura do responsável pelo estudo

